



FOLHA DOMINICAL

Domingo de Ramos na Paixão do Senhor

Primeira Leitura (Is. 50, 4-7)

O Senhor deu-me a graça de falar como um discípulo, para que eu saiba dizer uma palavra de alento aos que andam abatidos. Todas as manhãs Ele desperta os meus ouvidos, para eu escutar, como escutam os discípulos. O Senhor Deus abriu-me os ouvidos e eu não resisti nem recuei um passo. Apresentei as costas àqueles que me batiam e a face aos que me arrancavam a barba; não desviei o meu rosto dos que me insultavam e cuspiam. Mas o Senhor Deus veio em meu auxílio, e, por isso, não fiquei envergonhado; tornei o meu rosto duro como pedra, e sei que não ficarei desiludido.

Um profeta, enfrentando desafios, confia na ajuda divina para cumprir a sua missão, mesmo sofrendo maus-tratos físicos. Apesar do ceticismo, afirma a sua capacidade de ser ouvido, obedecendo à sua vocação profética. Aceita os maus-tratos como parte da missão e confia na prometida vindicação de Deus. O Salmo 21 ecoa esta experiência, expressando urgência, intensidade e inocência na súplica ao Senhor, destacando a figura do inocente perseguido e libertado por Deus.

Segunda Leitura (Flp 2, 6-11)

Cristo Jesus, que era de condição divina, não Se valeu da sua igualdade com Deus, mas aniquilou-Se a Si próprio. Assumindo a condição de servo, tornou-Se semelhante aos homens. Aparecendo como homem, humilhou-Se ainda mais, obedecendo até à morte e morte de cruz. Por isso Deus O exaltou e Lhe deu um nome que está acima de todos os nomes, para que ao nome de Jesus todos se ajoelhem no céu, na terra e nos abismos, e toda a língua proclame que Jesus Cristo é o Senhor, para glória de Deus Pai.

São Paulo inclui um hino nas suas cartas, destacando a unidade e a humildade cristã. Cristo é apresentado como modelo, a sua vida reflete a essência do hino, marcada pela humilhação e exaltação. Esta trajetória leva a que Cristo seja reconhecido como Senhor. O hino expressa a identificação de Deus com a humanidade, enfatizando a obediência como parte integral deste caminho. Este caminho é ratificado por Deus e culmina na glorificação,

simbolizando a ressurreição.

Evangelho (Mc 15, 1-39)

Naquele tempo, os príncipes dos sacerdotes reuniram-se em conselho, logo de manhã, com os anciãos e os escribas, isto é, todo o Sinédrio. Depois de terem manietado Jesus, foram entregá-lo a Pilatos. Pilatos perguntou-lhe: Ele, respondendo-lhe, disse: «Tu o dizes». Os chefes dos sacerdotes acusavam-no de muitas coisas. Pilatos interrogou-o de novo, dizendo: «Não respondes nada? Vê de quantas coisas te acusam!». Mas Jesus nada mais respondeu, de tal forma que Pilatos ficou admirado. Ora, pela festa libertava-lhes sempre um preso, aquele que pedissem. Havia um, chamado Barrabás, que estava preso com os revoltosos que tinham cometido um assassinio durante a revolta. Então a multidão, tendo subido, começou a pedir que lhes fizesse como sempre se fizera. Pilatos respondeu-lhes, dizendo: «Quereis que vos liberte o rei dos judeus?», pois sabia que os chefes dos sacerdotes o tinham entregado por inveja. Mas os chefes dos sacerdotes incitaram a multidão para que ele lhes libertasse antes Barrabás. De novo Pilatos, em resposta, dizia-lhes: «Então que quereis que faça daquele a quem chamais o rei dos judeus?». Eles gritaram de novo: «Crucifica-o!». Pilatos dizia-lhes: «Mas que mal fez?». Eles, porém, gritaram ainda mais: «Crucifica-o!». Então Pilatos, querendo contentar a multidão, libertou-lhes Barrabás e entregou Jesus, depois de o mandar flagelar, para ser crucificado. Os soldados ridicularizam Jesus. Os soldados levaram-no para dentro do pátio, isto é, para o pretório, e convocaram toda a coorte. Revestiram-no de púrpura, puseram-lhe uma coroa de espinhos que tinham entrelaçado e começaram a saudá-lo: «Salve, ó rei dos judeus!». Batiam-lhe na cabeça com uma cana, cuspiam-lhe e, pondo-se de joelhos, prostravam-se diante dele. Depois de terem escarnecido dele, despiram-lhe a púrpura e vestiram-lhe as suas vestes. E levaram-no para fora, para o crucificarem. Obrigaram, então, um homem que passava, um certo Simão de Cirene que vinha do campo, o pai de Alexandre e de Rufo, a levar-lhe a cruz. Levaram Jesus ao lugar do Gólgota, que quer dizer «Lugar da Caveira», e davam-lhe vinho misturado com mirra, mas Ele não o tomou. Crucificaram-no, então, e dividiram entre si as suas vestes, lançando sortes sobre elas, para verem o que levaria cada um. Era a hora terça quando o crucificaram. O letreiro da causa da sua condenação tinha escrito: «O rei dos judeus». E com Ele crucificaram dois salteadores, um à sua direita e outro à sua esquerda. Os que passavam blasfemavam contra Ele, abanando as suas cabeças e dizendo: «Eh! Tu, que destróis o templo e o edificas em três dias, salva-te a ti mesmo descendo da cruz!». Da mesma forma, também os chefes dos sacerdotes, escarnecedo entre si juntamente com os doutores da lei, diziam: «Salvou outros, mas a si mesmo não se pode salvar! O Cristo, o rei de Israel, que desça agora da cruz, para que vejamos e acreditemos!». Até os que estavam crucificados com Ele o insultavam. À hora sexta fez-se trevas sobre toda a terra até à hora nona. E à hora nona, Jesus bradou com voz forte: «Eloí, Eloí, lemá sabakhtáni?», que quer dizer: «Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?». Alguns dos que estavam perto, ao ouvirem isto, diziam: «Vede, está a chamar por Elias!». Alguém correu a embeber uma esponja em vinagre

e, pondo-a numa cana, dava-lhe de beber dizendo: «Deixai! Vejamos se Elias o vem tirar dali». Então Jesus, soltando um forte grito, expirou. O véu do templo rasgou-se em dois, de alto a baixo. O centurião que estava diante dele, aovê-lo expirar daquele modo, disse: «Verdadeiramente este homem era Filho de Deus!».

O relato da paixão segundo Marcos está dividido em sete cenas, determinadas pelos lugares onde ocorrem os eventos: Betânia; a casa da ceia pascal; Getsêmani; o palácio do sumo sacerdote; a residência de Pilatos; o Gólgota; e entorno do túmulo. A nível temático, três eixos transversais percorrem a narrativa: a constante enumeração de citações do Antigo Testamento, que permitem interpretar os acontecimentos à luz do desígnio divino; a presença de personagens secundários que exemplificam as atitudes discipulares; e a concentração de títulos cristológicos, que situam no momento da paixão a revelação da verdadeira identidade de Jesus como Filho de Deus. O relato começa com a unção de Jesus por uma mulher anónima durante uma ceia, em contraste com aqueles que conspiram para o eliminar. Com esse gesto, a mulher prepara antecipadamente o corpo de Jesus para o sepultamento e reconhece o seu caminho de entrega. Os episódios descritos a seguir - a última ceia e a prisão em Getsêmani - ganham significado a partir de dois ditos do Filho do Homem que reforçam a ideia de que Jesus se identifica com a sua própria entrega, acolhendo assim a vontade de Deus. Estes ditos relacionam-se com o julgamento perante o sinédrio. A resposta de Jesus à pergunta do sumo sacerdote constitui a revelação cristológica mais importante deste evangelho. O tom de gozo sobre a sua condição de "rei de Israel" contrastam com a fé demonstrada pelo centurião pagão, o único capaz de reconhecer a sua filiação divina no momento da sua morte.

Deus nas letras humanas

A voz que nos rasgou por dentro diz:

"Não chores o que te espera,
nem desças já pela margem
do rio derradeiro. Respira,
numa breve inspiração, o cheiro
da resina, nos bosques, e
o sopro húmido dos versos."

Como se a ouvíssemos.

Nuno Júdice

Avisos Paroquiais | 24 a 31 de março

24 | Domingo de Ramos

10:00 | Eucaristia | Capela de Nossa Senhora d'Ajuda de Espinho

11:00 | Eucaristia | Igreja Matriz (começa no parque dos ex-combatentes com a bênção dos ramos)

19:00 | Eucaristia | Auditório do Centro Pastoral

25 | Outras Leituras | 21:30

27 | Encontro de preparação para a visita Pascal. Todos os que desejam colaborar na visita pascal devem comparecer na próxima Quarta-feira no Centro Pastoral | 21:30

Encontro de preparação para todos os leitores do Tríduo Pascal e Domingo de Páscoa | 21:30 | Igreja Matriz

28 | Quinta-feira Santa | Última Ceia do Senhor | 21:30 | Igreja Matriz

29 | Sexta-feira Santa | Paixão do Senhor | 15:00 | Igreja Matriz

30 | Sábado Santo | Vigília Pascal | Igreja Matriz

31 | Domingo de Páscoa | 09:00 | Início da Visita Pascal

11:00 | Eucaristia Solene de Páscoa | Igreja Paroquial

19:00 | Eucaristia de Páscoa | Auditório do Centro Pastoral